

Alban Bensa: antropologia como compromisso e exercício crítico

João Pacheco de Oliveira

No domingo, 10 de outubro de 2021, faleceu em Paris, aos 73 anos, o antropólogo Alban Bensa, referência fundamental para a antropologia francesa contemporânea. A sua primeira pesquisa foi com os santos curadores da região de Perche, no interior da França, terminada em 1973 e publicada em 1978. Através de seu orientador, Jean Guiart, figura então central nos estudos franceses sobre a Oceania, veio a aproximar-se dos pesquisadores da Nova Caledônia. Em 1973 fez sua primeira visita à região, a qual continuaria frequentando até o início da pandemia, escrevendo trabalhos basilares e formando diferentes gerações de pesquisadores. Juntamente com o linguista Jean-Claude Carrière escreveu **Les chemins de l’alliance. L’organisation sociale et ses représentations en Nouvelle-Calédonie** (1982) e **Les filles du Rocher Até. Contes et récit Païci** (1994).

Em 1985, em uma famosa entrevista na revista **Actes de la Recherche**, intitulada “L’ethnologue est em trop”, conduzida por Pierre Bourdieu, abordou com grande coragem os riscos e a complexidade da pesquisa em situação colonial. Bastante tocado pela violência da atuação colonial tornou-se um apoio importante para os Kanaks que lutavam pela independência, apresentando um vívido relato sobre o exercício da etnologia em tal contexto no livro **Chroniques Kanak. Ethnologie en marche** (1995). Em colaboração com Éric Wittershein organizou o livro **La Présence Kanak** (1996), algum tempo depois traduzido em inglês (*Nationalism and Interdependence. The political thought of Jean-Marie Tjibaou*, 1998), em homenagem ao mais conhecido líder desse movimento, assassinado em 1989. Em parceria com alguns intelectuais Kanak, como Antoine Goromido e Kacué Yvon Goromoedo, escreveu **Histoire d’une chefferie Kanak, 1740-1878** (2005) e o seu trabalho mais denso e recente, **Les sanglots de l’aigle pêcheur. Nouvelle-Calédonie: La guerre Kanak 1917** (2015), que recupera as memórias de uma violenta repressão do exército francês ao movimento Kanak contra o recrutamento militar.

Crítico do estruturalismo, na coletânea **Jeux d’Échelles**, organizada por Jacques Revel em 1996, já apresentava a sua proposta de uma antropologia processual, perspectiva que aprofundou nos livros **La Fin de l’Exotisme; essai d’anthropologie critique** (2006) e em **Lévi-Strauss: Une anthropologie à taille humaine** (2010), ambos trabalhos traduzidos para o espanhol. Em coletânea organizada juntamente com Didier Fassin, **Les Politiques de l’enquête. Épreuves ethnographiques** (2008), lança um olhar analítico sobre a etnografia.

Em 1997 esteve pela primeira vez no Brasil, participando de seminário organizado no Museu Nacional por Benoit de L’Étoile, Lygia Sigaud e Federico Neiburg, do que resultou um número temático da **Revue de Synthèse** (2000). Voltou ao país em outras ocasiões, participando de seminários e congressos no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Fortaleza e Porto Seguro, tendo trabalhos traduzidos e publicados na revista Tempo (PPGH/UFF) em 2008, e em coletâneas (2006, 2018 e 2019). Em articulação com João Pacheco de Oliveira, coordenava atualmente o projeto CAPES-COFECUB intitulado “Regimes nacionais da autoctonia. Situações autóctones e questão nacional nas Américas e na Oceania (século 19 – tempo presente)” entre o Museu Nacional e a EHESS.